

**VEREADOR MOISÉS BARBOZA (PSDB) – Comunicação de Líder:**

(Saúda os componentes da Mesa e demais presentes.) Eu não podia de deixar falar um pouquinho, homenageando essas mulheres que estão aqui, que foram tão especialmente selecionadas para receber esta homenagem. Eu não posso deixar de falar um pouco da minha concepção sobre a questão da mãe. Todos aqui, os mais próximos, sabem que meus pais se separaram quando eu tinha quatro anos de idade, e eu fiquei com a minha mãe. Apesar de algumas dificuldades

impostas, momentâneas, de um padastro um tanto quanto duro, rígido, às vezes além da conta, eu fiquei com a minha mãe. E eu conheci vários tipos de mães e tive várias mães, porque em momentos difíceis da minha vida, quando, para sair dessa casa onde era difícil a minha vida, às vezes, eu tive que optar em ir para um colégio interno para ter onde morar e estudar. E, naquele ano, a Escola Técnica de Agropecuária teve greve, era o governo Collares, aí a escola fechou e eu não tinha nem onde morar. Então, como a minha mãe foi para o interior com o meu padastro, tive de me socorrer de algumas mães. Por isso, defendi muito aqui o projeto da família acolhedora, e eu fui adotado pela família Habiaga, que não está mais aqui, a Voni, que eu chamava de mãe, tem a Márcia, que eu chamo de mãe, que me ajuda aqui. Tive pais, amigos meus, que foram mãe. Eu quero citar muito carinhosamente um deles, o Márcio Paz, comunicador da Itapema, que cuidou dos seus filhos, foi pai e mãe. O falecido Jorge Ligeirinho, da Vila dos Herdeiros que também criou seus filhos, sendo pai e mãe. Mas eu preciso falar da minha mãe, talvez, seja difícil. Um dia, eu vim aqui a esta tribuna, sem cabelo, alguns colegas brincaram que eu tinha radicalizado no corte, mas é que a minha mãe não queria visitar os netos, não queria sair da casa, porque no tratamento de saúde dela, que ainda está acontecendo, ela perdeu todo o cabelo. E foi uma maneira que eu tive de dizer a ela que cabelo é apenas cabelo, e que ela fosse para a minha casa brincar com os netos. E eu, hoje, não posso deixar de subir a esta tribuna para agradecer a minha mãe, que foi professora, coordenadora da Febem, apresentadora de festival de música nativista, mas tudo isso ficou abaixo de algo muito importante para mim, que foi a tarefa de, mesmo sem saber, porque a mãe e o pai, hoje eu sou pai, também quero homenagear minha esposa, Liliane, que tive a satisfação, nessa existência, de transformá-la, junto com ela, em mãe... Eu sempre olho para as tarefa dos pais, muito mais das mães, que a vida inteira pensam o

seguinte: “Eu apertei demais o parafuso ou deixei o parafuso muito solto? Será que eu fiz certo? Será que eu fiz tudo para que meus filhos chegassem onde poderiam chegar?” Essa dúvida durante a vida inteira hoje, como pai eu tenho, mas precisa dizer que objetivamente o mais importante sobre a minha mãe, que teve os seus motivos para ir morar no interior, motivos existenciais, que subsequentemente puderam causar inclusive algumas dificuldades para mim, para minha irmã, mas preciso reconhecer algo sobre a minha mãe. Todas às vezes na minha vida, nos bons e maus momentos, ela esteve do meu lado, e, principalmente, quando eu estive errado, ela esteve do meu lado. Então, esse amor com desapego, que nós hoje nós temos a oportunidade de homenagear na figura dessas mulheres tão importantes que estão aqui nesta quinta-feira... Minha mãe não pôde estar aqui, temos enfrentado momentos difíceis, mas, em nome de vocês, dos filhos, o meu mais profundo muito obrigado pelo amor das mães, e repito que tem pai que é mãe, o amor que essa palavra mãe carrega. Muito obrigado por tudo o que vocês fazem diariamente nos pequenos gestos. Obrigado de coração.

(Texto sem revisão final.)